

Diego Bernal Rico, *Português do Brasil. O galego tropical*, Através Editora, 2020, 124 pp.

Guillermo Vidal Fonseca
Universidad de Extremadura
gvidalfonseca@unex.es
orcid.org/0000-0003-3494-3405

Pensado e escrito para público galego interessado no Brasil e nas peculiaridades do português falado nesse país, *Português do Brasil. O galego tropical* é um resumo linguístico e cultural das similitudes entre *brasileiro* e galego e elaborado, como o próprio autor indica, juntando várias contribuições prévias dele mesmo publicadas na imprensa. Através de uma perspectiva pan-lusófona –ou, como se desprende do subtítulo da obra, pan-galega–, o ensaio tem vocação divulgativa sem perder de vista a solidez científica nos dados linguísticos, históricos e culturais expostos: em palavras de outro galego com relação com o Brasil na contracapa do livro, o professor da UFF Xoán Lagares, destaca "a prosa leve e uma sensibilidade afiada" que parte da "vivência" de quem morou no Brasil e percebeu a língua com todos os sentidos humanos do cotidiano. Ao meu ver, basta com ler as primeiras páginas para confirmarmos esses traços.

De acordo com isso, o livro se organiza em várias epígrafes que só de jeito disfarçado remetem para as distintas áreas da gramática, da linguística ou da cultura: há um esforço, pois, para disponibilizar a obra para o público não erudito e impedir nada de pesado na sua leitura. Aborda o léxico comum ou com paralelismos entre galego e português do Brasil sob o título de *Arregaçando as mangas*; a onomástica, desde *Descascando o abacaxi*. Com *Batendo na mesma tecla* aborda a morfologia e a fonética, e o uso das expressões populares como título de epígrafe ainda persistem para introduzir elementos comuns quanto à identidade, a cultura e a gramática em geral. E por sua vez, cada uma dessas epígrafes dividem-se em subepígrafes onde expõe de jeito didático palavras, expressões, ditados e outros paralelismos entre galego e português brasileiro, escolhidos a critério do próprio autor, mas sem esquecer os mais representativos.

Percebe-se que os esforços principais do autor ao redigir a obra, além de divulgar as continuidades do português brasileiro para público galego, são orientados para dimensionar o galego como parte de um sistema linguístico de presença internacional maior, portanto desde o primeiro momento não evita certas referências e posicionamentos ideológicos ao debate sobre o status oficial do galego e, em menor medida e em decorrência desse status, à questão

da norma padrão. Como exemplo do primeiro, observamos já nas questões introdutórias (p. 16) a vontade de não "renunciar à unidade linguística galego-luso brasileira" e a de "recolocar o galego no seu espaço natural", enquanto para o segundo acredita em que a troca da grafia *ñ* pelo *nh* "faria toda a diferença" (p. 16).

Um dos traços mais significativos da obra é o de procurar a atenção do público geral, aquele não especializado em linguística, através da exposição de curiosidades linguísticas, muitas vezes engraçadas, o que consegue, ao meu ver, levantar interesse no leitor e fazê-lo refletir sobre o seu próprio jeito de falar e o do outro lado do oceano. Por exemplo, expondo os nomes comerciais que a língua popular adotou e fixou fazendo que hoje em dia seja comum escutar *pegar kombi* ou *tomar toddy* no Brasil para se referir a pegar uma van e tomar um leite achocolatado, do mesmo jeito que na Galiza *ir no Castromil* é ir no ônibus. Destaca também, no capítulo dedicado ao léxico, a exposição dos estrangeirismos do inglês no português brasileiro (*show, time, deletar...*) muito menos rendíveis no galego, assim como as similitudes e diferenças nos nomes dos estabelecimentos comerciais entre as duas variedades. Mas, sem dúvida, o maior contributo nessa secção para a exposição da continuidade histórica do galego-português-brasileiro são as palavras galegas que a emigração pôde conservar no Brasil, mesmo com diferenças semânticas: *rodízio, enfurnar, laje, malhar, bosta...*

Na secção da onomástica são oferecidas as principais particularidades dos nomes próprios e dos hipocorísticos no Brasil, permitindo o contraste com os nomes pessoais galegos; também a influência da base linguística indígena nos nomes. As vivências pessoais do autor, que morou em vários lugares do estado de Minas Gerais, fazem-se evidentes em distintos trechos da obra, como na subepígrafe dedicada à influência tupi nos topônimos mineiros dentro da onomástica ou na epígrafe dedicada às questões identitárias, em que coloca uma secção destinada a detalhar as surpreendentes similitudes culturais, linguísticas, sociológicas e até paisagísticas entre o povo mineiro e o galego. Por exemplo, as duas têm a boa fama de terem a culinária mais prezada dos Estados que fazem parte. Essa parte é, desde a minha ótica, a mais salientável do capítulo referido à identidade, pois constitui uma curiosidade que ajuda leitoras e leitores a curtir a leitura para além de divulgar importantes dados sobre continuidades culturais e linguísticas entre a Galiza e o Brasil desconhecidas para o grande público.

Existem ainda duas epígrafes mais antes da que, na minha opinião, merece ser considerada a central da obra (*Quebrando o galho: gramática*): uma na que são tratados aspetos morfológicos e fonéticos, sob o título de *Batendo na mesma tecla: morfologia e fonética*, em que se destaca, sobretudo, a parte

dedicada a explicar a *pronúncia do r* em comparativa entre a Galiza, Portugal e o Brasil, assim como certas referências históricas para a pronúncia carioca do *s* implosivo e as suas origens lisboetas, todas elas mais uma vez ajudando a obter atenção do leitor/a com curiosidade e divulgando questões não muito conhecidas na sociedade galega; e outra dedicada ao cinema e música brasileiros (sob o título *Enfiando o pé na jaca: cultura*), onde se faz repasso das influências históricas que recebeu a música popular brasileira e do cinema do século XX e atuais mais comprometidos com os problemas sociais do Brasil. Para mim, talvez, a epígrafe mais prescindível da obra, pois embora dê a conhecer a rendibilidade das letras brasileiras nas manifestações culturais da música e do cinema, o afã constante por parte do autor de transmitir através da obra um vínculo de unicidade com o galego fica nessa secção, ao meu ver, um pouco diluído.

Embora não faça parte do nó da obra –mas do desenlace– e nem de ser a epígrafe mais extensa, a secção *Quebrando o galho: gramática* deve ser considerada a parte central da obra, pois atua como síntese informativa do tratado com calma em todas as epígrafes anteriores e reforça a vontade do autor assinalada acima de oferecer uma visão holística das diferentes variedades atuais do galego histórico. Parte da premissa inicial de que galego, português europeu e português do Brasil fazem parte desse mesmo sistema linguístico para logo os contrapor, explicando as diferenças do português brasileiro para o galego e o português de Portugal numa comparação de só dois elementos, oferecendo assim uma imagem próxima entre galego e português europeu. Por outras palavras, é como se o autor dissesse para leitoras e leitores: «partindo da base de sermos a mesma língua, agora vou mostrar algumas diferenças que fazem eu chamar esse *galego de tropical* nessa obra».

Dividida e organizada em planos até certo ponto confusos –*do ponto de vista gramatical, do ponto de vista morfológico, do ponto de vista fonético-fonológico e do ponto de vista lexical*–, a secção enumera e exemplifica uma vintena de fenômenos que diferenciam brasileiro de um lado de português europeu e galego de outro. No primeiro, explica a pouca rendibilidade dos pronomes átonos no brasileiro a contraste com galego e português (*dei para ele* ou *quer agora?* por *dei-lhe* ou *quere-lo agora?*) e a colocação tipicamente proclítica (*me dá café* por *dá-me café*); a preferência pelas perífrases de gerúndio e não de infinitivo (*estar fazendo* frente a *estar a fazer*), ao que se deveria objetar que diatopicamente também no galego é maioritária a forma com gerúndio; a proliferação de pronomes tônicos e a ausência de concordância verbal no português brasileiro (*a gente come* e *nós come* frente ao *nós comemos* de galego e português); a ausência do demonstrativo *este* esta no brasileiro e o reforço com deíticos para diferenciar de esse-essa (*esse*

aqui por este); a introdução das subordinadas relativas sem preposição (*ensinamos isso nos grupos que fazemos parte por ensinamos isso nos grupos de que fazemos parte*); a discordância verbal em algumas frases (*segue os arquivos pedidos por seguem os arquivos pedidos*); o uso hegemônico de *ter* em contextos de *haber* (*tem facas por há facas*); a inexistência em brasileiro do valor de hipótese no futuro de indicativo (*deve estar na aula por estará na aula*); a agramaticalidade de *mais pequeno* e a prescrição de *menor*, ao que também se poderia objetar ser um fenômeno mais prescritivo acadêmico e escolar do que popular; a menor rendibilidade do artigo definido no português brasileiro (*pizza é minha comida favorita por a pizza é a minha comida favorita*); o uso do imperativo com o pronome *você* em vez do presente de conjuntivo (*você faz por você faça*) e o uso da preposição *em* com o verbo *ir* quando indica direção (*vou na praia por vou à praia*).

Para o plano morfológico, indica-se a disparidade sufixal do português brasileiro para o europeu e o galego: *aluguel, equipe* ou *cafeteria* por *aluguer, equipa* ou *cafeteria*, enquanto para o fonético-fonológico ensinam-se a vocalização da lateral em posição implosiva (*maw*) frente à palatalização ou velarização no português europeu ou galego (*maʰ*); a velarização do -e final no pronome/conjunção/advérbio *que* (*ki* por *ke*); a palatalização de *t* e *d* perante encontro de *i* ou *e* (*djia* e *tchia* por *día* e *tia*), se bem que o fenômeno não seja universal no território brasileiro; a queda do -r final nos infinitivos (*cantá* por *cantare*, solução com paragoge típica no galego ou português europeu) e a diferença de sonoridade nas sílabas átonas, com mais carga no brasileiro e ficando o galego a meio termo entre ele e o português europeu. Por fim, para o plano lexical são indicadas as diferenças próprias de uma história de línguas de substrato e adstrato diferentes entre português brasileiro e galego e português europeu: portanto, *garoa* e *bagunça* não existem na Galiza e Portugal e só *orvalho* ou *desordem*; a relegação de usos de *dizer* e *pôr* para *falar* e *colocar* no português brasileiro (*falei para ele não se preocupar e coloque aqui o casaco* por *disse-lhe que não se preocupe* ou *ponha aqui o casaco*); o uso de léxico privativo no português brasileiro (*academia, metrô, histórias em quadrinhos...* por *ginásio, metro* e *banda desenhada*) e, finalmente, a diferença semântica de certo léxico entre brasileiro, galego e português de Portugal, que exemplifica com a diferença de significado para essas três variedades na palavra *bico*.

Essa última parte da obra, mais técnica e descritiva, mas, ao meu ver, precisa para dar conta das principais diferenças entre as variedades além das partes mais anedóticas, não abafa o que por si constitui o livro: uma magnífica aproximação para galegos e para público em geral dessa variedade chamada português brasileiro e uma oportunidade para a sua divulgação e

conhecimento mais estreito para pessoas galegas que sentem proximidade com essa língua tão afastada geograficamente. O fato de prescindir de tecnicismos e de uma linguagem mais científica achega a obra para o público e contribui muito para o que, acho, é o intuito final da obra: seguir dando a conhecer cada uma das variedades do galego histórico para as outras (no caso, o brasileiro para o galego) e almejar desse jeito uma maior proximidade presente e futura entre elas, no plano cultural, comercial, linguístico e, desprende-se, gráfico.